

A mulher proletária e o desenvolvimento da individualidade para-si no romance “*Mãe*” de Máximo Gorki

MARILSA MIRANDA DE SOUZA*

Resumo

O artigo trata de análise do romance *Mãe* de Máximo Gorki a partir da categoria marxista *Individualidade para-si* aplicada por Duarte (1993). A individualidade para-si é entendida como uma concepção histórico-social da individualidade humana que se fundamenta na relação objetivação/apropriação e entre alienação/humanização que coloca o ser humano como um constante “vir a ser”, como síntese do particular e das objetivações genéricas para-si construídas nas relações sociais de produção. A análise centra-se no desenvolvimento da individualidade da mulher proletária, principal personagem do romance, forjada na luta revolucionária dos socialistas russos no início do século XX.

Palavras-chave: Objetivação; apropriação; alienação; humanização; opressão feminina; socialismo.

Abstract

The article deals with analysis of the novel *Mother* of Maxim Gorky from the Marxist category *Individuality for itself* implemented by Duarte (1993). Individuality for-itself is understood as a socio-historical conception of human individuality that is grounded in the relationship objectification / appropriation and alienation between / humanization which places the human being as a constant "becoming" as a synthesis of private and objectifications generic self-constructed social relations of production. The analysis focuses on the development of individuality of the main characters in the novel, forged in the revolutionary struggle of the Russian socialists in the early twentieth century.

Key words: Objectification; appropriation; alienation; humanization; female oppression; Socialism.



* MARILSA MIRANDA DE SOUZA é Professora adjunta do Departamento de Educação da Universidade Federal de Rondônia.



Introdução

O presente artigo tem por objetivo a análise do romance *Mãe*, considerado um dos trabalhos mais importantes do escritor revolucionário russo Máximo Gorki, escrito em 1907. Buscarei na referida obra elementos que demonstrem o processo de formação da individualidade do ser humano e as condições históricas e sociais nas quais esse processo se realiza. A análise da individualidade enquanto singularidade histórico-social se fundamentará na teoria marxista da subjetividade desenvolvida nos estudos de Newton Duarte¹ e de suas categorias de análise: apropriação, objetivação, humanização e alienação, gênero humano e individualidade para si.

¹ Newton Duarte desenvolveu um importante estudo sobre a individualidade humana na obra **Individualidade para-si. Contribuição a uma teoria histórico-social da formação do indivíduo**. Campinas, SP, Editora Autores Associados, 1993 (Coleção Contemporânea). A análise do autor sustenta-se fundamentalmente nas teorias de Karl Marx, Antônio Gramsci, Alexei Leontiev e Agnes Heller.

Mãe é uma obra literária escrita na Rússia no início do século XX, inspiradas nas manifestações de maio de 1902, com prisões e julgamentos de operários. Esse movimento contribuiu para a construção de bases concretas para organização do proletariado russo, e conseqüentemente, da gloriosa Revolução de Outubro de 1917. O autor apresenta o processo revolucionário a partir da história de uma família de operários. É a fumaça da fábrica, o alcoolismo, a violência, a morte prematura, amalgamando-se numa vida miserável em que o ser humano é super explorado, degradado, plenamente reificado. A família é composta pelo pai, o serralheiro Mikhail Vlassov, alcoólatra e violento, que falece deixando viúva a mãe Pelaguéia Nilovna e seu jovem filho Pavel.

Numa relação distante, mãe e filho quase não se falavam. Mas a mãe, Nilovna, percebe que o filho se torna apático em relação aos hábitos comuns dos jovens na sua idade: frequentar festas, beber, brigar nos bares, etc. O primeiro ensaio de diálogo surge quando a mãe pergunta o que o filho tanto lê: “Leio livros proibidos. Os livros são proibidos porque dizem a verdade sobre a nossa vida de operários... São impressos às escondidas e, se os encontram aqui, metem-me na prisão, porque eu quero saber a verdade” (GORKI, 1982, p. 233).

A Mãe, presa às verdades religiosas, teme pela vida do filho, quando descobre que ele age clandestinamente na organização dos operários. Nas reuniões entre Pavel e seus companheiros de militância, conhece as verdades revolucionárias.

Pavel: - Será que queremos apenas estar alimentados? Não! Nós temos de mostrar àqueles, que estão montados em nossos pescoços e

que nos fecham os olhos, que estamos vendo tudo, que não somos imbecis ou bárbaros, e que não nos preocupamos só com comida; queremos viver com dignidade humana! Devemos mostrar aos inimigos que nossa vida desumana, por eles imposta, não nos impede de alcançá-los em inteligência e cultura, e até mesmo de superá-los! (GORKI, 1982, p. 244).

A Mãe passa a conhecer as idéias socialistas. Os panfletos circulam, exortando os operários a se unirem e lutarem por seus direitos e rapidamente a força da repressão recai sobre Pavel e seus companheiros. Pavel é preso e a Mãe se envolve nas tarefas revolucionárias. Passa a distribuir panfletos revolucionários na fábrica, conduzir materiais produzidos pelo Partido, etc. Nessas atividades forja sua consciência social e seu compromisso com a construção da sociedade socialista. A mulher já idosa² se transforma. Passa a ocupar um espaço de funções e percepções no grupo. Não é mais apenas a mãe de Pavel. Analisa sua vida de sofrimento enquanto mulher violentamente espancada pelo marido, sua juventude sem sentido, sua vida cinzenta e miserável, e “sua memória desfilava diante dela a longa série de acontecimentos dos últimos anos e, ao recordá-los, via-se a si própria. Outrora a vida havia-lhe parecido externa, longínqua, feita não se sabe por quem, nem por quê; e eis que agora muita coisa nasce perante os seus olhos”.

A obra de Gorki volta-se para o desenvolvimento social e individual de suas personagens, nas quais buscaremos elementos que possibilitem

compreender os processos de construção da individualidade para-si.

A objetivação e a apropriação: as relações entre o trabalho e a formação do gênero humano e dos indivíduos

A individualidade humana se forma por meio das relações sociais de produção e nas relações de poder instituído. A individualidade não se separa da prática social, pois é por meio do trabalho que o ser humano produz sua existência objetiva e subjetiva, ou seja, em cada contexto, em cada tempo e lugar os indivíduos possuem determinadas características psíquicas. Portanto, não podemos compreender a individualidade humana, sem compreender as formas como o ser humano produz sua existência.

Para Marx, os seres humanos começaram a se diferenciar dos animais quando começaram a buscar na natureza a satisfação para suas necessidades, para isso construíram instrumentos de trabalho que, ao serem utilizados, passaram a transformar a natureza. Ao transformar a natureza, o homem também se transforma, pois passa a ser um ser natural e um ser social ao mesmo tempo. O social não se encontra na natureza, mas na ação humana. Ao se transformar em instrumento, o objeto da natureza se transforma em objeto social, daí uma relação de interdependência entre o ser humano e a natureza, pois ele transforma a natureza e a natureza o transforma. A esse processo dá-se o nome de *apropriação*. Ao transferir sua atividade para o objeto, o ser humano possibilita a acumulação dessa experiência, ou seja, a atividade humana externa ao sujeito, se materializa nos objetos. O trabalho e a experiência acumulada nos objetos

2 A mãe Pelaguéa Nilovna tinha apenas 40 anos, mas o autor se refere a ela como uma mulher idosa. Percebe-se que as condições de vida no meio operário impõem uma curta existência.

são aperfeiçoados historicamente. A esse processo dá-se o nome de *objetivação* (DUARTE, 1993).

O trabalho, a linguagem, os usos e costumes (elementos culturais) resultam da objetivação. A apropriação e a objetivação caracterizam o trabalho. Duarte (1993) chama isso de Unidade Antropológica Mínima. No processo de apropriação, também a cultura passa por transformação e conservação de elementos. O ser humano se apropria do processo de conhecimento material e da subjetividade (o que é relativo ao sujeito). Ninguém nasce com as forças essenciais humanas, nós as adquirimos por força das apropriações.

O processo de apropriação é sempre um processo educativo na relação entre o indivíduo e a cultura material. O indivíduo se apropria pela mediação que é sempre um processo educativo (formal ou informal). Seres humanos ensinam e educam outros seres humanos. A apropriação modifica os indivíduos, forma novas capacidades, novas necessidades. Sem a apropriação não haveria o gênero humano. Entretanto as capacidades e necessidades constituem um sistema aberto, de cada necessidade nasce outra, novas capacidades vão sendo construídas. É o que ocorre com a Mãe, a personagem principal do romance em análise.

Humanização e alienação

No romance *Mãe*, Máximo Gorki descreve brilhantemente o processo de alienação decorrente das relações sociais em que vivem as principais personagens e da superação dessa alienação. A exploração e a extrema miséria em que viviam os operários russos e suas famílias obscureceram, para a maioria, a verdadeira realidade.

Como é o caso da Mãe, Pelaguéa Nilovna, que desde cedo fora submetida ao trabalho e a violência doméstica. Para compreender a ação das personagens buscaremos compreender a função essencialmente humanizadora da objetivação e da apropriação a partir da teoria da alienação em Marx que trata do homem concreto, objetivo.

Para Marx, as relações de dominação fazem com que os homens que produzem todas as riquezas materiais e imateriais não podem delas se apoderar. Ficam alheios a sua produção, ao seu próprio trabalho. Analisando Marx, Duarte afirma que: “Não é o processo de objetivação que gera a alienação do ser humano. Sem a objetivação o homem não seria um ser genérico”, pois as relações humanas com as objetivações tem sido historicamente uma relação alienada realizada por meio da divisão social do trabalho e da propriedade humana (DUARTE, 1993, p. 75-76). A divisão social do trabalho é a mais profunda base do processo de individualização, pois separou os indivíduos de suas objetivações genéricas. A divisão do trabalho contribui para que os seres humanos se distingam entre si dentro de um processo em que todos são regidos pelas relações de produção. A divisão é aceita como forma humana e não como forma histórica e mutável, mas como um processo de auto-reprodução das forças sociais objetivadas e alienadas (DUARTE, 1993, p. 76).

A alienação se manifesta na vida concreta do ser humano na maneira pela qual o produto de seu trabalho não lhe pertence. Tudo passa a ser comandado de fora, por forças estranhas a ele. É o que Marx chama de fetichismo da mercadoria, pois essa se torna mais importante que o homem, tornando-se abstração (dinheiro, capital). Em

consequência desse processo o próprio homem se torna também mercadoria. “O indivíduo alienado não conduz sua vida cotidiana, mas é por ela conduzido” (DUARTE, 1993, p. 196).

A realidade dos operários russos, descrita por Gorki em 1907, caracteriza-se por condições subumanas: extensas jornadas de trabalho, doença e invalidez decorrente das brutais condições de trabalho, péssimos salários, etc., como denuncia Ignat:

Ignat: - Pois, olhem bem para mim, tenho vinte e oito anos, mas estou morrendo! Mas dez anos atrás eu cheguei a carregar nas costas, sem descanso, até duzentos quilos e nada! Com uma saúde dessas pensava eu, viverei mais de setenta anos, sem tropeçar. Contudo vivi dez e não posso mais. Os patrões roubaram-me quarenta dias de vida, quarenta anos! (...) Essa canção não é minha; milhares de pessoas cantam-na, sem entender que suas existências miseráveis são uma lição para o povo. Quantos aleijados, destruídos pelo trabalho, morrem calados, de fome... (GORKI, 1982, p. 401).

A consciência dos processos de exploração a que eram submetidos forjava-se a cada dia na massa de operários que se organizava no movimento socialista. É nesse contexto que o jovem operário, miseravelmente oprimido apropria-se de uma nova consciência, de uma nova ideologia capaz de produzir uma sociedade igualitária, comunista. Enquanto sua mãe Pelaguéa Nilovna nada compreendia dos processos de dominação de classe e, confinada no espaço privado doméstico, incomodava-se com o novo comportamento do filho. A compreensão dessa nova realidade foi externada por ele quando percebeu a aflição de sua mãe diante das atividades

clandestinas realizadas por ele junto aos operários.

Pavel: - Pense na vida em que levamos! Você está com 40 e acha que viveu? O Pai batia-lhe e compreendo, agora, como ele assim extravasava sua dor, a dor de sua vida; ela esmagava-o, mas não entendia de onde vinha aquilo. (GORKI, 1982, p.233)

Nilovna percebe então que o filho buscava conhecer toda opressão existente sobre o proletariado e sobre a condição feminina. Inicia, então, uma nova trajetória, uma nova relação com o mundo, desenvolve uma individualidade consciente, ou seja, a consciência sobre si mesma, voltadas às condições objetivas de sua existência, pois dado o nível de sua alienação, não mantinha sequer uma relação consciente com sua própria particularidade. Novas estruturas emocionais vão sendo construídas dando suporte aos novos acontecimentos que começam a processar em sua vida. Observa e admira as mulheres revolucionárias que partilham da árdua luta juntamente com seu filho. As reuniões do Partido em sua casa, os estudos, as discussões dão novo conteúdo às relações objetivas e sociais possibilitando novas apropriações. Surge um novo processo de individualização onde os significados sociais e o sentimento pessoal encontram uma unidade, enriquecendo sua existência, que ganha um novo sentido.

Nilovna: - Estive pensando em minha vida, Deus do céu! Para que vivia? Surras... trabalho... nada via senão o marido, nada conhecia além do pavor! (...) Minha única preocupação era alimentar bem minha fera, satisfazê-la a tempo, para não ficar mal humorado, para não me torturar com pancadas, para que tivesse dó de mim ao menos.

Não me recordo de ser sido poupada uma vez. Quando me batia, não batia só na mulher, mas em todos de quem tinha raiva. Vivi assim vinte anos e não me recordo do que aconteceu antes do casamento (...). Parece que sufocaram tudo dentro de mim, reprimiram minha alma, cegaram-me ensurdecaram-me... (GORKI, 1982, p. 297)

Ao que o Camarada Andrey, o ucraniano, respondia:

A senhora não podia viver de outro modo, e, de qualquer maneira entende que viveu mal. Milhares de pessoas podem viver melhor do que a senhora; no entanto **vivem como gado** e ainda por cima se gabam: que vida boa! O que há de bom nisso? **Trabalhar e comer hoje; trabalhar e comer amanhã, e assim até o fim de sua vida: trabalhar e comer?** No meio disso ele faz um monte de filhos, e no início distrai-se com eles e assim que eles comecem a comer demais, ele se zanga e fica dizendo: “**andem logo seus comilões, cresçam, está na hora de ir para o trabalho**”. E gostaria de transformar seus filhos em **gado doméstico**, mas eles começam a trabalhar para suas próprias panças, e continuam a vida da mesma forma! **Só são verdadeiramente homens aqueles que arrancam as algemas da mente humana.** Pois agora, a senhora também por um esforço próprio tomou a si essa tarefa. (Grifos nossos). (GORKI, 1982, p. 302)

Como o ucraniano Andrey, (chamado carinhosamente de Andriucha pela mãe Nilovna), as pessoas de seu novo círculo de convivência percebiam os processos de dominação e alienação em que vivia o proletariado. No comentário acima se nota que o operário já havia desvendado os mecanismos de

dominação exercidos pelas classes dominantes no processo de exploração do trabalho, o que não é comum sob relações sociais alienadas, como ressalta Heller citada por Duarte (1993, p.143).

A vida de muitos homens chega ao fim sem que se tenha produzido **nem um só** ponto crítico semelhante. A homogeneização em direção ao humano-genérico só deixa de excepcional, um caso singular, naqueles indivíduos **cuja paixão dominante se orienta para o humano genérico e, ademais quando tem capacidade de realizar tal paixão.** Este é o caso dos grandes e exemplares moralistas e estadistas (revolucionários), dos artistas e dos cientistas (...) deve se afirmar que não apenas sua paixão principal, mas também seu **trabalho principal**, sua **atividade básica**, promovem a elevação ao humano-genérico e a implicam em si mesmos. Por isso para tais pessoas, a homogeneização em ‘homem inteiramente’ é elemento necessário de sua essência, da atividade básica de suas vidas. (Grifos no original).

Os comunistas de que trata o romance fazem parte de uma singularidade que avança em direção ao humano-genérico. Sua “paixão dominante se orienta para o humano-genérico” que é a construção de uma sociedade sem classes, verdadeiramente humana, como bem caracteriza Pavel em discurso no seu julgamento, quando foi condenado a prisão nos confins da Sibéria.

Nos somos socialistas. Isso quer dizer que somos inimigos da propriedade privada, que divide os homens, armam-se uns contra os outros, cria um ódio inconciliável por interesse, faz com que mintam para ocultar ou justificar esse ódio e corrompe a todos com a mentira, a hipocrisia e a raiva. Nós dizemos: a sociedade que considera o homem

apenas como um instrumento de seu próprio enriquecimento, é desumana, é-nos hostil, e não podemos conforma-nos com sua moral, ambígua e falsa; repudiamos o cinismo e a crueldade com que lida com o indivíduo, e queremos e vamos lutar contra todas as formas de subjugação do homem com tal sociedade, contra todos os atos de violência contra o ser humano em favor de interesses. Nós, operários, as pessoas de cujo esforço tudo se cria – das máquinas gigantescas ao brinquedo da criança –, nós somos privados do direito de lutar pela dignidade humana, todos tentam e podem transformar-nos em instrumentos para alcançar seus objetivos, nós queremos agora ter a liberdade suficiente para que ela nos dê a possibilidade de, com o tempo, conquistarmos o poder. Nossas palavras de ordem são simples: abaixo a propriedade privada, dar ao povo todos os meios de produção, o poder é do povo, o trabalho é obrigação de todos (GORKI, 1982, p. 507).

A luta pela destruição da sociedade capitalista constitui seu “trabalho principal”, sua “atividade básica”. Segundo Marx, analisado por Duarte (1993, p. 188), “quando a atividade essencial do indivíduo deixa de ser a atividade alienada, ela satisfaz um carecimento essencial da individualidade, ela torna-se, portanto, atividade da essência do indivíduo”. A atividade essencial daquele grupo, daquelas personagens, passa a ser uma atividade em que se objetivam, tornando-se uma paixão. “De sua efetivação participa todo ser do indivíduo, sua essência dirige-se a essa finalidade” (DUARTE, 1993, p. 189).

Os militantes comunistas dedicam-se “inteiramente” à causa revolucionária, única forma de alcançar o caminho luminoso que conduzirá a felicidade

humana. Como compreende a mãe Nilovna ao longo de seu processo de formação e luta desenvolvida no coletivo dos operários revolucionários:

Nilovna: Todos os que levam uma vida difícil, que são esmagados pela miséria e marginalização, explorados pelos ricos e seus ajudantes, todos, o povo todo deve ir ao encontro das pessoas que padecem nas prisões, que são condenados a morte. Sem vacilar poderão explicar o caminho para a felicidade para todos os povos; sem tentar enganar, dirão que o caminho é difícil e ninguém terá de os seguir a força, mas assim que se chega perto deles, a pessoa nunca mais os abandonará, pois irá entender que estão com a razão e que o caminho é aquele e nenhum outro. (...) O povo pode seguir estas pessoas, pois eles não se deterão diante dos obstáculos, não interromperão seu caminho antes de derrubar a mentira, a injustiça, o ódio e o egoísmo; eles não cruzarão os braços enquanto o povo todo não se fundir numa só alma, enquanto ele não disser numa só voz: eu sou o senhor, eu mesmo erigirei leis iguais para todos (GORKI, 1982, p. 464).

Como a Mãe consegue alcançar esse nível de compreensão acerca dos processos de elevação em direção ao humano-genérico? A compreensão de si e o auto-reconhecimento colocam a Mãe em confronto com a realidade, formando conceitos e idéias que não se operam por si mesmas, mas nas significações que vai se apropriando, ou seja, nas relações com as diversas objetivações para-si. Entretanto, tal relação consciente não está assegurada, como explica Duarte:

Todo o indivíduo forma-se, através dos processos de objetivação e apropriação, enquanto um ser genérico, um ser pertencente ao

gênero humano. Entretanto, sob relações sociais alienadas, a maioria dos seres humanos vive quase exclusivamente no âmbito da genericidade em-si, não se tornando indivíduos para-si, seres genéricos para-si, não construindo sua individualidade enquanto uma singularidade que mantém uma relação consciente, livre e universal com o gênero humano (DUARTE, 1993, p. 144).

A alienação permanece imbricada aos processos de formação da individualidade para-si. Inicialmente, a Mãe estava muito presa aos preconceitos e às verdades religiosas e alimentava o medo e a desconfiança em relação à força da classe operária e suas possibilidades de transformar o mundo.

Ela já entendia muita coisa daquilo que diziam da vida, sentia que havia encontrado a verdadeira origem da desgraça de todos os homens e habituou-se a aceitar seus pensamentos, mas no fundo da alma não acreditava que pudessem reconstruir a vida à sua maneira e que tivessem força para atrair para seu fogo todo o operariado. Todos querem estar saciados hoje, ninguém quer adiar seu almoço até mesmo para amanhã, se puder comê-lo imediatamente. Poucos irão por essa estrada longa e difícil, poucos olhos verão no final dela, o reino maravilhoso da fraternidade humana. (GORKI, 1982, p.319).

A consciência sobre si se fecha no âmbito da individualidade em-si. É preciso estabelecer um sistema de relações sociais. Conhecer sobre si e sobre o mundo que o cerca, caso contrário o indivíduo fica apenas no mundo da particularidade alienada.

Nilovna: - É bom viajar por toda a parte e ver muita coisa (...) a pessoa entende melhor a vida. Marginalizaram o povo que,

humilhado, fica no canto, mas queira ou não queira fica pensando: Por que? Porque eu sou expulso? Por que existe a fatura, mas tenho fome. E no meio de tanta ciência e cultura, por que sou estúpido e obscuro? E onde está Ele, Deus misericordioso, diante do qual todos são iguais? O povo vai ficando revoltado contra sua vida; sente que a mentira irá estrangulá-lo caso deixe de pensar em si mesmo! (GORKI, 1982, p. 414).

A Mãe passava de uma individualidade em-si para uma individualidade para-si, quanto mais se envolvia nas tarefas da militância. Vejamos a definição de Duarte:

O indivíduo para-si é o ser humano cuja individualidade está em permanente busca de se relacionar conscientemente com sua própria vida, com sua individualidade, mediado também pela constante busca de relação consciente com o gênero humano. A dinâmica desse processo é a relação consciente entre objetivação e apropriação, ou seja, o indivíduo se apropria das objetivações genéricas em-si e faz delas mediadoras entre sua consciência individual e as formas pelas quais ele objetiva sua individualidade ao longo de sua vida. (DUARTE, 1993, p. 184-185).

Para Duarte, o desenvolvimento da individualidade para-si no ser humano é carregado de conflitos, pois ele desfetichiza sua relação com o mundo e consigo próprio, começa a aspirar um mundo onde todos se sintam bem, e citando Heller, explica que:

O indivíduo (para-si – ND) quer sentir-se bem no mundo, porém não no mundo tal como é, do mesmo modo que não aceita nem a si mesmo de uma forma que possa ser considerada ‘definitiva’. Seu conflito é por isso **duplo**: por um

lado com o mundo, ou ainda, com uma determinada esfera do mundo; por outro, consigo mesmo, com sua própria particularidade (...) quando o indivíduo entra em choque com a ‘dureza’ e com a desumanidade do mundo, não quer velar os conflitos, mas sim, **agudizá-los** (até que ponto e com que intensidade, depende da natureza do conflito). Não tem em absoluto ‘preocupações’; o indivíduo – segundo Marx – está **indignado** (grifos no Original). (HELLER 1977, p. 63-64 apud DUARTE, 1993, p. 192).

Os conflitos com sua própria particularidade estão muito presentes nos diálogos estabelecidos no romance, especialmente quando se trata do medo da repressão. Constantemente perseguidos, presos e torturados os operários deveriam suportar a dor em favor de suas idéias, de seus objetivos.

Andrey: - Ao longo do caminho, vez por outra, somos obrigados a ir contra nós mesmos. E preciso saber entregar tudo, todo o coração. Dar a vida, morrer pela causa; isso é simples! Entregue mais: e aquilo que te é mais caro na vida entregue. Então será grande o crescimento daquilo que é mais caro para ti: a tua verdade!... (GORKI, 1982, p.339)

A luta revolucionária não concilia com os desejos pessoais, com a satisfação por pequenas conquistas, como expressa Andrey. Os operários, a quem cabe dirigir a revolução devem ser incansáveis até a vitória final e absoluta de sua classe.

Andrey: - A vida familiar reduz a energia do revolucionário, sempre reduz! Filhos, falta de recursos, a necessidade de trabalhar muito pelo pão. E o revolucionário deve desenvolver sua energia incansavelmente, cada vez mais

profunda e amplamente. Isso requer tempo; deve estar sempre a frente de todos, porque nós, operários, fomos escolhidos pela força da história, para destruir o velho mundo e para criar uma vida nova. E se nós ficarmos para trás, entregues ao cansaço e seduzidos pela possibilidade imediata de uma pequena conquista isso é prejudicial e quase uma traição à causa! Não existe ninguém que nos possa acompanhar, sem que deturpemos a nossa verdade, e nunca devemos esquecer que a nossa tarefa não se prende a pequenas conquistas, mas sim à vitória final e absoluta. (GORKI, 1982, p. 489).

Os conflitos do indivíduo em-si alienado se reduz a sua particularidade, a luta para assegurar a satisfação de suas necessidades individuais como se pode perceber na descrição que Gorki faz quanto ao comportamento de alguns operários, que ganham melhor e mesmo os que sonham subir de posição, durante a distribuição de panfletos na fábrica exortando os operários a se unirem e lutarem por seus direitos. Apaticamente esbravejam: “Nada vai mudar, é mesmo impossível!” Os conflitos vividos na formação da individualidade para-si, ao contrário buscam a satisfação das necessidades de uma vida mais humana (HELLER, 1977, p.411, citada por DUARTE, 1993, p. 191). Ele quer estar bem no mundo, mas quer também que todos o estejam.

A ‘indignação’ diante da ‘dureza’ do mundo se expressa no decorrer de todo o romance pelas suas personagens envolvidas na árdua luta pela construção do socialismo, especialmente em diálogos de Andrey com a Mãe: “Envenenaram a humanidade! Quando ela se revoltar, vão destruir tudo um a um! Precisam de uma terra nua, e eles vão deixá-la nua, vão arrancar tudo!” (GORKI, 1982, p.

347). Ressaltava a dominação da classe dominante “Os burgueses nos mastigam, mastigam e sugam...” (GORKI, 1982, p. 326) ou prevendo a mais dura luta contra essa burguesia:

Andrey: - Vê a formação incutida pelos senhores comandantes de nossas vidas às classes mais baixas? Quando os homens como Nicolai sentirem a injustiça de que são vítimas e perderem a paciência, já imaginou o que vai ser? O céu ficará salpicado de sangue, e a terra ficará reduzida a uma banheira sangrenta. (...). Se não engolissem moscas não vomitariam. (...) cada gota de sangue deles foi previamente lagos de lágrimas dos povos (GORKI, 1982, p. 321).

A mesma indignação pode ser vista na fala de Nicolai, também se dirigindo à mãe:

Nicolai: - A senhora vê que coisa terrível. Um montinho de imbecis, defendendo seu domínio agonizante sobre o povo, bate, espanca, estrangula e esmaga a todos. A selvageria cresce, a crueldade torna-se a lei da vida, imagine! Uns batem e se enfurecem impunemente, doentes pela ânsia voluptuosa de torturar: a doença repugnante dos escravos que gozam do direito de manifestar seus instintos baixos e hábitos bestiais, em toda sua plenitude. Outros envenenam-se pelo desejo de vingança; terceiros, esquecidos e abandonados, tornam-se mudos e cegos. É assim que perverte um povo, o povo todo! (GORKI, 1982, p. 473)

Toda essa indignação foi canalizada na luta pela destruição do capitalismo e todas as suas formas de exploração e dominação do ser humano. Não velam a realidade apenas com “preocupações”, mas agudizam os conflitos apresentados pela sociedade alienada, passam a ser

sujeitos da história, como dizia Andrey, o ucraniano, à Mãe: “A senhora agarrou o touro da história pelos chifres!” (GORKI, 1982, p. 326)

A formação da individualidade para-si

Mas como se dá essa formação da individualidade para-si? Duarte (1993, p.189), analisando Marx, discute a função que a relação consciente com as objetivações genéricas para-si desempenha na formação e desenvolvimento da individualidade para-si.

O indivíduo vai se constituindo em indivíduo para-si à medida em que, através de sua atividade, ele vai se tornando um homem rico, isso é, um homem que tem o carecimento fundamental a objetivação de sua individualidade e a apropriação da essência genérica objetivada, ou seja, um homem que se objetiva enquanto ser genérico para-si, mediado pela apropriação das objetivações genéricas para-si.

O autor quer dizer que o processo educativo ao criar uma mediação entre o indivíduo e as objetivações genéricas para-si, muito contribui nesse processo de formação. A escola burguesa tem se limitado (é seu papel principal) a genericidade em-si, que forma o indivíduo para as relações alienadas. A educação que objetiva formar o indivíduo para-si além de mediar as relações do indivíduo com as objetivações genéricas, gera o “carecimento” de novas apropriações. E o indivíduo em processo de formação de sua individualidade para si, busca incansavelmente novas apropriações que lhe permitam uma relação consciente com o gênero humano. É desta forma que as personagens do romance buscam novas apropriações,

novas objetivações genéricas que dêem sustentação às suas atividades. Buscam pelo conhecimento que ajude a explicar a realidade, que anime e incendeie a luta contra os opressores.

As reuniões de estudos são constantes. Há uma necessidade em discutir as leituras e as formas de inserir o conhecimento no meio operário. Estar alfabetizado não é condição para que o sujeito perceba que é explorado e as origens da opressão, como expressa o camponês.

Petr: - É lógico que o pessoal daqui é quase todo analfabeto e medroso, mas os tempos são tão difíceis que, mesmo sem querer, o cara abre os olhos: o que está acontecendo? E o livro responde com simplicidade: o problema é esse, pense bem, raciocine! Temos provas de que o analfabeto entende mais que o alfabetizado, sobretudo se o alfabetizado está bem alimentado! (GORKI, 1982, p. 467)

O conhecimento científico é uma forma de fazer avançar o nível de consciência e, conseqüentemente, de desenvolver as ações contra as forças dominantes, como demonstra a personagem Ribyn:

Ribyn: - Ajude-me! Arranje livros que uma vez lidos não dêem paz ao homem. É preciso meter ouriços sob o crânio, mas ouriços afiados! Diga ao seu pessoal da cidade que escrevam também para o povo do campo! Que escrevam de modo a incendiar as aldeias, para que o povo não tema a morte (GORKI, 1982, p. 343).

Da mesma forma, a Mãe Nilovna também compreende que o conhecimento científico contribui para o desenvolvimento e expressão do pensamento:

Nilovna: - Nós, gente do povo, sentimos tudo, mas não sabemos nos exprimir; temos vergonha,

porque compreendemos, mas não sabemos dizer o que compreendemos. E muitas vezes, por causa desse embaraço, revoltamo-nos contra os nossos pensamentos. A vida bate-nos, tortura-nos de todas as maneiras e feitos, queremos descansar, mas os pensamentos não nos largam (GORKI, 1982, p. 387)

Uma das primeiras atitudes da Mãe ao iniciar o processo de formação de sua individualidade para-si, logo após a segunda prisão de seu filho Pavel, foi o de alfabetizar-se, com a ajuda de um dos camaradas, um professor com quem foi morar até que seu filho fosse libertado. “- Estão certos aqueles que dizem que devemos saber tudo. Precisamos iluminar-nos com a luz da razão (...). É preciso conhecer toda verdade e toda mentira...” (GORKI, 1982, p. 244). A leitura e escrita é uma objetivação, uma das maiores riquezas da humanidade e que nem todos têm acesso. Por não ter acesso a objetivações o ser humano é subjugado. Ele não se reconhece nessa exterioridade (mundo social), por isso o deixa-se dominar pelo mercado.

A essência humana resulta do processo de objetivação, do que ele construiu. Assim, ele precisa se apropriar dessa objetivação, pois só pode desenvolver-se por meio delas. O ser humano se eterniza nas suas objetivações como observa a Mãe durante o sepultamento de um dos camaradas:

Que quer isso dizer: ele morreu? A minha estima por Iegor, a minha afeição por ele, pelo camarada, a recordação da obra dos seus pensamentos, essa própria obra? Extinguiram-se os sentimentos que ele fez nascer em mim, apagou-se a imagem que me fez dele, de um homem corajoso, honesto? Será que tudo isto morreu? Para mim, isto não morrerá nunca, sei-o bem.

Parece-me que nos apressamos demasiado em dizer de um homem: morreu. 'Estão mortos os lábios dele, mas as suas palavras vivem e viverão eternamente no coração dos vivos!' (GORKI, 1982, p. 427).

Ao comandar sua própria vida e sua própria história, o ser humano se eleva numa consciência para-si (não espontânea, reflexiva) livrando-se aos poucos da alienação, da consciência em-si (espontânea).

A Individualidade livre e universal

Nos *Grundrisse* Marx divide a história humana em três grandes estágios do desenvolvimento da individualidade humana: Primeiro: As relações de dependência pessoal (natural, desenvolvida em âmbito, restrito, local) que é o indivíduo particular, concreto. Segundo: a independência pessoal fundada na dependência em relação às coisas, entendida como o indivíduo universal, abstrato (capitalismo) e a livre individualidade fundada no desenvolvimento universal dos indivíduos e na subordinação de sua produtividade coletiva, social, como patrimônio social. É o indivíduo universal concreto (socialismo). O segundo cria as condições do terceiro (MARX, 1986, p.85 apud DUARTE, 1993, p.163).

Ao analisar o segundo estágio, Duarte (1993, p. 96), explica que o capitalismo universalizou a vida dos indivíduos impedindo-os de realizarem seu ser, de forma universal e livre. A predominância do valor de troca e a reificação humana elimina todo seu ser. Há um esvaziamento, uma imensa subjetividade que anula totalmente sua individualidade. A objetivação do ser humano aparece como alienação universal, pois o capitalismo conseguiu

estender seus tentáculos alienantes por todo o planeta.

O terceiro estágio do desenvolvimento da individualidade do ser humano apresenta-se como a superação da individualidade abstrata, particular e espontânea (em-si). Essa superação só poderá ocorrer com a superação da sociedade alienada que a produz. Entretanto, esse desenvolvimento livre e universal, pode ser gerado nas condições objetivas presentes na sociedade alienada (capitalismo), pois como afirma Marx e Engels (1989, p. 36) “as circunstâncias fazem os homens tanto quanto os homens fazem as circunstâncias”.

A luta pela superação do capitalismo exige o desenvolvimento da individualidade para-si (DUARTE, 1993). Os militantes socialistas da obra analisada tiveram sua individualidade para-si forjada dentro das relações alienadas e se projetou para fora de sua própria individualidade, chegando a abraçar todo o gênero humano, como podemos verificar nas palavras de Andrey:

- Sei que virá um dia em que os homens amarão uns aos outros em que cada qual será uma estrela para o outro! Existirão na terra homens independentes, grandes por sua liberdade, de corações abertos, isentos de inveja ou de ódio. A vida então será um culto ao homem, a sua imagem será elevada para muito alto; aos libertos todas as alturas são acessíveis! Os homens viverão na verdade e liberdade para a beleza, e serão considerados melhores aqueles que conseguirem abarcar melhor o mundo com seus corações, aqueles que o amarem em maior profundidade; os melhores serão os mais libertos, pois tem mais beleza. Serão grandiosos os homens dessa vida... (GORKI, 1982, p. 336)

Percebe-se que há uma relação consciente desse indivíduo com o gênero humano: “a vida será um culto ao homem” e “aos libertos todas as alturas são acessíveis” numa vida de liberdade e beleza, onde o valor de troca não mais existirá. Prevalecerá o ser e não o ter. É o encontro com a verdadeira essência humana. A atividade objetivadora do homem se torna cada vez mais universal e plenamente livre das relações sociais de dominação.

Porém, a universalidade alienada imposta pelo mercado mundial só será destruída com a revolução comunista e pela abolição da propriedade privada que lhe é inerente como afirma Marx e Engels (1989, p. 35) ao referir-se à universalidade histórica do gênero humano:

(...) então a libertação de cada indivíduo em particular se realizará exatamente na medida em que a história se transformar completamente em história mundial (...) está claro que a verdadeira riqueza intelectual do indivíduo depende inteiramente de suas relações reais. É só dessa maneira que cada indivíduo em particular será libertado das diversas limitações nacionais e locais que encontra, sendo colocado em relações práticas com a produção do mundo inteiro (inclusive a produção intelectual) e posto em condições de adquirir a capacidade de desfrutar a produção do mundo inteiro em todos os seus domínios (criação dos homens). A dependência *universal*, essa forma natural da cooperação dos indivíduos em *escala histórico-mundial*, será transformada por essa revolução comunista em controle e domínio consciente dessas forças, que engendradas pela ação recíproca dos homens entre si, lhes foram até agora impostas como se

forças fundamentalmente estranhas, e os dominaram.

Não existe liberdade individual, ela é coletiva ou não é liberdade, como bem expressa o ucraniano Andrey: “Para nós não existe pátria, nação, raça, (...) somos todos filhos da mesma mãe, a idéia invicta da fraternidade do proletariado de todos os países da Terra. Ela nos aquece, ela é o sol que brilha no firmamento da justiça” (GORKI, 1982, p. 251).

A individualidade para-si é formada com características particulares e gerais que resulta numa unidade consciente em que o indivíduo distancia-se de si próprio e de suas relações, questionando a si mesmo e o mundo, como expressa Rybin:

É como se existissem companheiros por toda parte; todos estão acesos com o mesmo fogo; todos alegres, bons, humanos. Entende-se sem palavras. **Vivem em coro, mas cada coração canta sua própria canção. Todas as canções qual riachos, correm para o mesmo rio**, que desliza livremente para o oceano de luminosas alegrias da vida nova (grifo nosso). (GORKI, 1982, p. 306)

Ou, ainda, como afirma o ucraniano Andrey em diálogo emocionado com a Mãe:

Porque um coração novo de desenvolve, minha querida, nasce o novo coração da vida. Lá vai o homem que ilumina a vida com fogo da razão e grita, clama: **“Ei vocês! Povos de todo o mundo, uni-vos numa só família!” E ao seu chamado, todos os corações, com suas partes saudáveis, confunde-se num só coração gigantesco, firme, sonoro, como um sino de prata...** (grifo nosso) (GORKI, 1982, p. 331).

As personagens do romance compreendem muito bem sua individualidade particular articulada à amplitude do gênero humano. A categoria individualidade para-si, conforme Duarte (1993) sintetiza as possibilidades máximas de desenvolvimento livre e universal da individualidade humana. Mudar a individualidade faz parte de um projeto coletivo onde todos se unam para transformar o mundo.



Guerra popular na Índia na atualidade



Mulheres guerrilheiras na Guerra Popular na Índia na atualidade

Conclusão

O romance foi escrito (1907) num momento em que a Europa passava por profundas transformações econômicas políticas e sociais. A indústria se desenvolvia e homogeneizava as

relações de produção capitalista num ritmo frenético. Os camponeses arruinados abandonam o campo em busca do trabalho assalariado nas fábricas, inchando as imundas cidades. Esse novo modo de produção se consolidava alterando a organização tradicional da família. Novas e diferentes formas de subordinação feminina em serviços domésticos e profissões precárias e desvalorizadas eram apresentadas pela nova ordem econômica. Apesar da resistência masculina à incorporação da mulher no meio operário, devido ser uma forma de desagregamento da família tradicional, o processo de exploração do trabalho feminino e infantil intensificou-se. A mulher tinha de suportar a exploração no trabalho e a tirania masculina no âmbito da família. O caso de Pelaguéa Nilovna, a Mãe no romance de Máximo Gorki representa de forma absolutamente sincera a condição feminina.

Gorki busca no romance abordar a inserção das mulheres no Movimento Operário partindo do princípio que a libertação da mulher é indissociável da luta de classes. Em vários momentos o autor descreve a importância da mulher no processo da luta, às vezes sua preponderância. São várias as personagens femininas, que exercem liderança na condução do processo revolucionário que culminou na Revolução Bolchevista em outubro de 1917 na Rússia. A participação massiva da mulher na revolução socialista possibilitou o nascimento de uma nova mulher, que a exemplo da mãe Nilovna, rompe com os valores patriarcais e religiosos que sujeita a mulher a uma moral burguesa. Ela consegue redimensionar sua própria vida, sua concepção de mundo para além das ilusões da religião. Essa nova mulher busca sua inserção na vida pública e o

desenvolvimento de sua individualidade. Foram as socialistas que colocaram a questão do gênero e classe reformulando o papel da mulher na sociedade, ao contrário das feministas burguesas que iludem as mulheres proletárias com o discurso de “gênero” isolado da luta de classes.

O romance é permeado de exemplos que demonstram o desenvolvimento da individualidade para-si em suas principais personagens entendida como uma concepção histórico-social da individualidade humana fundada na relação entre objetivação e apropriação e na relação entre alienação e humanização. É o constante “vir a ser” humano, como síntese do particular e das objetivações genéricas para-si construídas nas relações sociais, no sentido de que a “possibilidade de uma vida individual livre, multilateral, na qual cada pessoa tenha condições de objetivar sua personalidade é uma conquista alcançada somente num certo nível do desenvolvimento sócio-histórico” (DUARTE, 1993, p. 206).

Há um enlace entre a teoria marxista, aprofundada por Duarte no conceito de individualidade para-si e o romance *Mãe*. Há uma articulação perfeita entre a teoria e prática reafirmando a grande verdade histórica de que não há, nem nunca haverá igualdade enquanto o proletariado não se libertar do jugo do capital. Não pode haver igualdade e liberdade enquanto existir um sexo oprimido, enquanto existir a burguesia opressora, enquanto existir a propriedade privada dos meios de produção e a dominação de uma nação por outra.

Referências

DUARTE, N. **Individualidade para-si**. Campinas: Editora Autores Associados, 1993.

GORKI, M. Pequenos Burgueses; **Mãe**. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

MARX K; ENGELS, F. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1989.

Recebido em 2014-04-07
Publicado em 2014-10-15